

A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO EM CUIDADOS PALIATIVOS: DO LUTO ANTECIPATÓRIO AO CUIDADO INTEGRAL

Livya Gabriela Chaga¹

Paulo Celito Pizolotto²

Edson Lopes³

Flávia Zorzi Branco⁴

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar como a atuação do psicólogo nos cuidados paliativos pode promover um cuidado integral, contribuindo para o manejo do luto antecipatório em pacientes em fase terminal e suas famílias. A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica com abordagem qualitativa, utilizando como técnica a análise de conteúdo. Foram selecionados doze artigos científicos publicados nos últimos cinco anos, que abordam a atuação psicológica em contextos hospitalares e paliativos. Os resultados evidenciam que a escuta sensível, o acolhimento emocional, o respeito à subjetividade e a comunicação empática são pilares fundamentais da atuação do psicólogo nesse contexto. Além disso, destaca-se a importância de um suporte humanizado, que contribua para a elaboração do sofrimento, a preservação da autonomia e a construção de significados mesmo diante da finitude. Conclui-se que a presença do psicólogo é essencial para a promoção da dignidade e da qualidade de vida no processo de morrer, tanto para o paciente quanto para seus familiares.

Palavras-chave: Psicologia. Cuidados paliativos. Luto antecipado. Pacientes terminais.

1 INTRODUÇÃO

Os cuidados paliativos, podem ser definidos como a abordagem que visa proporcionar uma melhor qualidade de vida aos pacientes e suas famílias diante de doenças que ameaçam a continuidade da vida, a abordagem têm ganhado crescente importância no cenário da saúde. Essa prática aborda o alívio dos sintomas físicos, suporte emocional, social e espiritual oferecido aos envolvidos, especialmente nos momentos mais difíceis da fase terminal (Silva, *et al*, 2021).

Dentro desse contexto, o papel do psicólogo é essencial, atuando de forma íntegra com a equipe de saúde e os familiares, promovendo uma abordagem humanizada nos cuidados paliativos. Essa atuação visa amparar todos os envolvidos no enfrentamento do sofrimento, garantindo o respeito aos desejos e à dignidade do paciente até o fim da vida. Além disso, o psicólogo oferece suporte psicológico no manejo do luto antecipado, um processo que ocorre

¹ Livya Gabriela Chaga. Graduada de psicologia (UCEFF, 2025). E-mail: livya.gabriela.13@gmail.com.

² Mestre em Psicologia - Imed Faculdade Meridional (IMED) - E-mail: paulocelito2018@gmail.com.

³ Docente da UCEFF.

⁴ Docente da UCEFF.

quando a morte iminente de um ente querido é esperada e as perdas começam a ser vivenciadas antes mesmo do óbito (Rossato; Garcia, 2017; Ribeiro; Damasceno, 2017).

Portanto, a intervenção psicológica em cuidados paliativos desempenha um papel crucial no enfrentamento da doença que ameaça a vida, promovendo um espaço de acolhimento e compreensão. Através de técnicas terapêuticas, o psicólogo pode ajudar os pacientes e familiares a reestruturar pensamentos perturbadores e a desenvolver estratégias de enfrentamento mais eficazes, contribuindo para uma melhor qualidade de vida durante a fase terminal (Silva; Medeiros, 2013; Rossato; Garcia, 2017).

Diante desse cenário, questiona-se: **Como a literatura científica caracteriza a atuação do psicólogo em cuidados paliativos no suporte a pacientes terminais e seus familiares?** A realização deste estudo tem como objetivo geral analisar como a atuação do psicólogo nos cuidados paliativos pode promover um cuidado integral, contribuindo para o manejo do luto antecipatório em pacientes em fase terminal e suas famílias. Os objetivos específicos deste estudo são: a) Identificar, a partir da literatura especializada, as principais estratégias psicológicas utilizadas no cuidado integral a pacientes terminais e no manejo do luto antecipatório.; b) Analisar evidências científicas sobre a eficácia das intervenções psicológicas no enfrentamento do luto antecipatório por pacientes e familiares, considerando dimensões emocionais, sociais e espirituais; c) Investigar, com base em estudos existentes, os impactos das intervenções psicológicas na qualidade de vida de pacientes em cuidados paliativos e de seus familiares.

Este estudo justifica-se pela crescente relevância dos cuidados paliativos na promoção da qualidade de vida de pacientes em fase terminal e de seus familiares. O luto antecipado, é uma experiência emocional intensa e dolorosa, demanda intervenções específicas para mitigar o sofrimento e facilitar o enfrentamento. Segundo Silva *et al.*, (2021), a atuação do psicólogo é essencial para garantir uma abordagem humanizada, respeitando o sofrimento emocional e espiritual dos pacientes, o que impacta diretamente na qualidade de vida. Portanto, o estudo conduz-se com o objetivo de sumarizar as principais descobertas científicas sobre o tema e apresentar os resultados obtidos para uma análise aprofundada.

2 REVISÃO TEÓRICA

Na sequência, serão apresentados temas sobre os cuidados paliativos, partindo da origem e evolução dessa abordagem. Em seguida, será explorado o papel do psicólogo nos cuidados paliativos, com destaque em seu papel junto ao paciente em estado de terminalidade,

à família do enfermo e à equipe multiprofissional. Por fim, será discutido o conceito de luto antecipado, considerando os impactos emocionais e psicológicos tanto para o paciente quanto para seus familiares.

2.1 ORIGEM E EVOLUÇÃO DOS CUIDADOS PALIATIVOS

O termo "paliativo" tem suas raízes no latim *pallium*, que significa "manto". Historicamente, *pallium* referia-se ao manto usado pelos cavaleiros para se protegerem das tempestades durante suas jornadas. Assim, a ideia central dos cuidados paliativos é oferecer uma proteção que visa aliviar o sofrimento do paciente, abarcando aspectos físicos, psicológicos, sociais e espirituais (Academia Nacional de Cuidados Paliativos - ANCP, 2025).

Os cuidados paliativos surgiram nas décadas de 1950 e 1960, introduzidos por Cicely Saunders, uma enfermeira, médica e assistente social inglesa com formação humanista. Em 1967, Cicely fundou o St. Christopher's Hospice, cujo principal objetivo era oferecer qualidade de vida e uma morte digna a pacientes com doenças avançadas e sem possibilidade de tratamento curativo. Essa iniciativa foi pioneira ao reunir uma equipe multiprofissional, incluindo voluntários, para oferecer uma assistência focada no controle da dor e alívio de sintomas, enfatizando o cuidado integral e individualizado ao paciente, e não apenas o combate à doença. Assim, Saunders difundiu os princípios dos cuidados paliativos na Inglaterra, Canadá, Estados Unidos e Austrália, reforçando a importância de cuidar quando não há mais possibilidade de curar (Lima *et al.*, 2022).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) revisou em 2020 a definição de cuidados paliativos como:

Os cuidados paliativos são uma abordagem que melhora a qualidade de vida dos pacientes (adultos e crianças) e suas famílias que enfrentam problemas associados a doenças com risco de vida. Previne e alivia o sofrimento através da identificação precoce, avaliação correta e tratamento da dor e de outros problemas, sejam eles físicos, psicossociais e espirituais. (OMS; 2020, online **tradução nossa**).

Segundo Arantes (2016), os cuidados paliativos com uma ênfase significativa na humanização e no apoio integral ao paciente terminal. Enfatiza que essas práticas devem ter foco no alívio do sofrimento em todas as dimensões físicas, emocionais, psicológicas e espirituais, sendo crucial oferecer um atendimento que respeite a dignidade e os valores do paciente, promovendo um fim de vida digno e humanizado.

Os cuidados paliativos são fundamentados por princípios, e não por protocolos rígidos. Atualmente, o termo terminalidade foi substituído por doença que ameaça a vida, e a recomendação é que os cuidados sejam iniciados desde o diagnóstico, o que amplia o campo de atuação dos profissionais. Em vez de falar sobre a impossibilidade de cura, foca-se na viabilidade ou não de tratamento modificador da doença, o que afasta a noção de não haver mais o que fazer. Além disso, essa abordagem inclui, pela primeira vez, a espiritualidade como uma das dimensões do ser humano. A família do paciente também é considerada, sendo assistida até o período de luto após a morte (Matsumoto, 2012).

Diante dessa visão sensível e humanizada sobre os cuidados paliativos, é indispensável considerar o papel do psicólogo, cuja atuação é fundamental para a implementação desses princípios. O psicólogo contribui significativamente para o alívio do sofrimento emocional e psicológico do paciente e de sua família, além de colaborar com a equipe multidisciplinar para garantir um atendimento de acordo com as necessidades de cada sujeito (Silva; Medeiros, 2013).

2.2 O PAPEL DO PSICÓLOGO JUNTO AO PACIENTE NOS CUIDADOS PALIATIVOS

O paciente em cuidados paliativos está em uma situação vulnerável tanto física quanto emocional, e o sofrimento de sua família frequentemente acompanha essa vulnerabilidade. A perda da autonomia, da autoimagem, da segurança, da capacidade física, do respeito e dos materiais são algumas das perdas que estão associadas a uma doença grave e podem ter um impacto significativo na vida do indivíduo. Nesta fase, o doente precisa de cuidados especializados, e um grupo multidisciplinar de médicos, enfermeiros, psicólogos e outros profissionais de saúde é designado para ajudá-lo (Silva; Araújo, 2012).

A medicina paliativa afirma que, mesmo quando não há mais opções de cura, ainda há muito a ser feito pelo paciente. Nesse contexto, a atuação do psicólogo é essencial. Esse profissional auxilia o enfermo a desenvolver estratégias de enfrentamento que ajudam a preservar sua autoestima e estabilidade emocional diante da doença, sempre considerando que a espiritualidade e a religiosidade têm grande importância tanto para o indivíduo quanto para seus familiares (Ferraz, 2013).

Os princípios dos cuidados paliativos, conforme estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS), visam proporcionar qualidade de vida ao paciente e à sua família, ao aliviar o sofrimento e oferecer suporte para lidar com as dificuldades físicas, emocionais e

espirituais impostas pela doença terminal. Entre os principais princípios, destacam-se: a promoção do alívio da dor e outros sintomas angustiantes; a integração dos aspectos psicológicos e espirituais ao cuidado do paciente; o oferecimento de um sistema de suporte para ajudar o paciente a viver o mais ativamente possível até a morte; e a assistência à família no processo de luto (Matsumoto, 2012).

O suporte emocional oferecido pelo psicólogo inclui um espaço seguro para o paciente expressar os sentimentos e preocupações, e a integração da espiritualidade, auxiliando o paciente a explorar e fortalecer suas crenças pessoais, o que pode ser essencial para o enfrentamento da doença. Durante o tempo de acompanhamento, o psicólogo servirá de elo entre o paciente, sua família e a equipe de saúde, contribuindo para o desenvolvimento de uma prática de cuidados humanizada (Ferraz, 2013)

Segundo Ugioni (2020), o acompanhamento psicológico proporcionará a melhora na qualidade de vida do paciente, trabalhará com ética as questões espirituais trazidas por este, estimulará a busca da autonomia quanto ao seu fim de forma digna, e sempre que possível atenderá ao seu desejo final.

No desenvolvimento de estratégias de enfrentamento, o psicólogo auxilia o paciente na adaptação à perda de autonomia e capacidade física, ensinando técnicas práticas para lidar com a dor e promover o bem-estar. Além disso, o apoio psicológico contribui significativamente para a manutenção da autoestima e dignidade do paciente, ajudando-o a encontrar propósito e satisfação nas atividades possíveis. O trabalho do psicólogo, portanto, não só melhora a qualidade de vida do paciente, mas também oferece suporte contínuo para enfrentar as mudanças e o sofrimento associados à doença terminal (Matsumoto, 2012).

Uma das maneiras de suavizar a experiência dolorosa da terminalidade é ouvir ativamente os sentimentos expressos por aqueles que estão enfrentando momentos de solidão e sofrimento. É essencial reconhecer que o paciente, ciente da proximidade do fim, precisa de ajuda para entender e processar suas experiências. A maior dificuldade para o profissional é escutar essas comunicações sem ser paralisado pela complexidade do momento (Oliveira; Santos; Mastropietro, 2010).

Em vista disso, o psicólogo desempenha um papel essencial nos cuidados paliativos, oferecendo suporte emocional ao paciente e sua família, e também auxiliando em todas as etapas do tratamento. Entre suas responsabilidades, está o fortalecimento dos recursos internos de enfrentamento, o apoio no processo de luto antecipado e o alívio de sentimentos como estresse, depressão e sofrimento. Além disso, o psicólogo atua no processo de comunicação

entre a equipe multiprofissional e a família, promovendo reuniões para garantir a compreensão do quadro clínico e ajudando a preparar os familiares para cuidar de pacientes debilitados ou com sequelas, promovendo uma abordagem mais humanizada do cuidado (Pegoraro; Paganini, 2019)

2.3 O PAPEL DO PSICÓLOGO JUNTO A FAMÍLIA DO PACIENTE

A atuação do psicólogo em cuidados paliativos envolve o paciente e a sua dinâmica familiar, que frequentemente enfrenta um processo de sofrimento e adoecimento emocional junto com o ente querido. As unidades e instituições que intervêm com os cuidados paliativos tratam das pessoas de forma integral, o que inclui dar atenção à família, pois está também adoece emocionalmente durante o processo. Desta maneira, o papel do psicólogo é essencial para proporcionar suporte emocional e promover um entendimento mais profundo da situação, tanto para o paciente quanto para seus familiares (Domingues *et al.*, 2013).

Além disso, as intervenções no âmbito familiar são sempre construídas de forma colaborativa, envolvendo uma equipe multiprofissional. Como descrito pelo Instituto Nacional de Câncer (INCA), quando a família enfrenta dificuldades em aceitar a gravidade da doença, é fundamental o trabalho conjunto entre médicos, psicólogos e outros profissionais da equipe de cuidados paliativos. Esse suporte pode incluir reuniões explicativas sobre o quadro clínico e o prognóstico, bem como sessões de psicoeducação e psicoterapia, nas quais os familiares têm espaço para expressar seus sentimentos e lidar com a realidade frente ao adoecimento (INCA, 2020).

A reorganização dos papéis dentro da família é inevitável. Por exemplo, quando o responsável financeiro adoece, há uma mudança tanto nos encargos quanto na dinâmica emocional, afetando desde o cônjuge até os filhos. As crianças podem ser especialmente impactadas pelas mudanças no ambiente doméstico, exigindo uma atenção especial para assegurar que também recebam suporte psicológico adequado (Mendes *et al.*, 2009).

Outro aspecto relevante na atuação do psicólogo com a família é a atenção à sobrecarga do cuidador, quando um familiar assume o papel de cuidador e sua sobrecarga é identificada, a equipe de saúde pode sugerir a redistribuição das tarefas de cuidado entre outros membros da família ou até a contratação de cuidadores externos. Essas decisões são pensadas em conjunto, sempre levando em consideração as condições socioeconômicas e os recursos institucionais disponíveis para cada família (INCA, 2020).

A ausência de atenção à família pode comprometer a eficácia do cuidado paliativo. A família não só desempenha um papel crucial no apoio ao paciente, mas também suas reações influenciam diretamente a maneira como o paciente lida com sua própria doença. Além disso, é importante considerar que os familiares, assim como qualquer pessoa, precisam de momentos de alívio e distanciamento da situação. Insistir na presença constante deles pode agravar o desgaste emocional, prejudicando o bem-estar tanto dos familiares quanto do paciente (Mendes *et al.*, 2009).

Portanto, a atuação do psicólogo no contexto dos cuidados paliativos é ampla e essencial para assegurar que tanto o paciente quanto seus familiares tenham o suporte emocional necessário para enfrentar a complexidade desse momento. Ao intervir no seio familiar, o psicólogo promove um espaço de acolhimento e resiliência, essencial para que todos os envolvidos possam lidar com a realidade da doença que ameaça a vida e suas consequências emocionais (Mendes *et al.*, 2009).

2.4 O PAPEL DO PSICÓLOGO JUNTO A EQUIPE MULTIPROFISSIONAL

A prática dos cuidados paliativos deve ser desenvolvida de maneira multidisciplinar, cujo objetivo principal é oferecer uma assistência integrada que priorize o alívio dos sintomas físicos, emocionais, sociais e espirituais, em vez de focar na cura da doença. O propósito é garantir uma melhor qualidade de vida ao paciente durante esse processo (Ferreira *et al.*, 2011).

A equipe de cuidados multidisciplinares é composta por uma variedade de profissionais da saúde, incluindo médicos, enfermeiros, nutricionistas e psicólogos, que desempenham papéis centrais no atendimento ao paciente e à sua família. A essência desse modelo de cuidado reside na continuidade e na integralidade, sendo que a abordagem é centrada na pessoa, levando em consideração suas necessidades, ao mesmo tempo em que se respeitam seus desejos e valores éticos, assegurando o respeito ao princípio da autonomia (Pulga *et al.*, 2019).

Além disso, o trabalho em equipe é um dos pilares fundamentais dos cuidados paliativos, e isso exige que o psicólogo, assim como os demais profissionais da equipe, desenvolvam habilidades de comunicação eficazes com colegas de diferentes áreas. Para tal, é crucial que o psicólogo tenha uma compreensão clara de suas próprias responsabilidades, ao mesmo tempo que busca conhecer o trabalho dos outros membros da equipe (Nunes, 2012).

Desta maneira, a equipe multiprofissional deve atuar de forma integrada, utilizando todos os recursos diagnósticos disponíveis para uma compreensão mais ampla e o manejo

eficaz dos sintomas. O foco central deve ser a melhora da qualidade de vida do paciente, o que, por sua vez, pode influenciar de maneira positiva a forma como o paciente enfrenta as complexidades associadas ao processo de adoecimento (Ferreira *et al.*, 2011).

A importância de uma atuação multiprofissional está na compreensão de que o sofrimento do paciente é global e multifacetado. Cada profissional contribui para o cuidado a partir de sua área de especialização, com o objetivo comum de reconhecer e atender às diversas necessidades do enfermo, de sua família e da equipe por meio de uma articulação integrada de ações. Dessa forma, o psicólogo não só promove a saúde mental, como também atua de forma colaborativa, fortalecendo a prática centrada no paciente e no respeito à sua individualidade (Nunes, 2012).

Em conclusão, para que o atendimento seja verdadeiramente focado no paciente, e não apenas na enfermidade, é imprescindível a presença de uma equipe multidisciplinar engajada, que enfrente o desafio de tratar não apenas a dor, mas também que considere fatores sociais, morais, psicológicos e espirituais (Pulga *et al.*, 2019).

2.5 LUTO ANTECIPADO E LUTO

O luto antecipado é um processo vivido por pacientes e familiares diante da ameaça de perda iminente, como ocorre em casos de doenças graves e terminalidade. Esse tipo de luto se manifesta antes da morte, consentindo que os envolvidos busquem compreender a situação e desenvolvam estratégias para lidar com a perda. Conforme descrito por Brasil (2023) o luto antecipatório prepara para que despedidas sejam organizadas e novos significados sejam construídos durante o processo de adoecimento. O adoecimento e a finitude trazem perdas progressivas, incluindo a perda de autonomia física e a redução das capacidades funcionais do indivíduo (Silva; Araújo, 2012).

Segundo Camon (1994), essa perda de autonomia pode acentuar o sentimento de despersonalização e exclusão social, uma vez que a capacidade produtiva e o papel social do indivíduo são gradualmente comprometidos. Desta forma destaca-se a importância de reconhecer e validar essas perdas, oferecendo suporte para a adaptação a uma nova realidade e facilitando o processo de preparação para a ausência iminente. A mudança na perspectiva psicossocial é crucial para que o indivíduo enlutado se prepare para viver sem a pessoa amada e encontre maneiras de enfrentar a dor da perda antecipada (Arantes, 2016).

A morte não se restringe a uma questão meramente física; ela representa uma perda integral, envolvendo aspectos tanto físicos quanto simbólicos. O adoecimento, ao limitar a capacidade do indivíduo e seu papel social, pode ser descrito como uma "morte social", onde as perdas não são apenas biológicas, mas também relacionadas ao significado e ao papel social da pessoa. O indivíduo vive um processo de morte social que antecede a morte física, refletindo a perda de sua identidade e valor social (Camon, 1994).

O conceito de luto antecipatório teve origem durante as guerras, quando esposas de soldados vivenciavam um processo de luto pela separação física e pela possível morte de seus maridos. Esse fenômeno, considerado adaptativo, permitia que elas experimentassem sentimentos de depressão, raiva e reorganização emocional como uma forma de proteção, minimizando os efeitos devastadores de uma possível perda real. A partir dessa observação, o luto antecipatório passou a ser estudado no contexto de doenças terminais, sendo definido como um conjunto de reações cognitivas, afetivas e sociais que ocorrem em resposta à ameaça iminente de morte de um ente querido. Esse processo ajuda na elaboração precoce da perda e na adaptação progressiva a uma realidade sem o familiar (Flach *et al.*, 2012).

O papel do psicólogo no processo de luto é essencial para oferecer suporte emocional e psicológico tanto ao paciente quanto aos familiares. O psicólogo atua validando as emoções e promovendo um espaço seguro para que o paciente e os familiares expressem seus sentimentos e medos. Além disso, o profissional ajuda a ressignificar a perda, possibilitando que os envolvidos se preparem emocionalmente para a morte e organizem as despedidas de maneira saudável. Esse apoio contínuo auxilia na adaptação a uma nova realidade e previne complicações emocionais no processo de luto (Monteiro *et al.*, 2017)

De acordo com Kübler-Ross (2005) o processo de luto é composto por cinco estágios sendo eles :

- a) **Negação e isolamento:** O primeiro momento após a morte concretizar-se, caracterizado pela resistência inicial em aceitar a realidade da morte iminente. A negação age como um mecanismo de defesa, proporcionando ao indivíduo um período de choque e confusão. Esse estágio é fundamental para permitir que a pessoa processe gradualmente a realidade da perda. A negação, enquanto fase temporária, permite ao indivíduo se preparar emocionalmente para os estágios seguintes do luto.
- b) **Raiva:** Na raiva o indivíduo experimenta uma profunda sensação de injustiça e revolta. Neste momento surgem os porquês, essa raiva é muitas vezes direcionada a si mesmo, aos outros, ou até mesmo ao destino. A dificuldade em aceitar a realidade pode

manifestar-se através de comportamentos agressivos e pensamentos dolorosos. Esse estágio é uma expressão da impotência e da frustração diante da inevitabilidade da perda.

c) Barganha: É marcado por tentativas de negociar com o destino ou no ser supremo de sua crença, na esperança de adiar ou aliviar a dor. O indivíduo pode fazer promessas ou buscar acordos com uma divindade em troca de alívio do sofrimento. Essa fase breve é uma estratégia para enfrentar a dor e proporcionar conforto temporário.

d) Depressão: Neste estágio a pessoa enfrenta uma profunda tristeza e solidão ao reconhecer a magnitude da perda lhe trazendo muita saudade. Kublerr-Ross (2005) descreve esta fase como um período de reflexão sobre a falta e a realidade da vida que nunca mais será a mesma. É crucial que a rede de apoio esteja presente para ouvir e oferecer suporte, ajudando o indivíduo a lidar com a dor e a solidão durante este período difícil, sendo um momento necessário para passar pela próxima fase.

e) Aceitação: É o estágio em que o indivíduo chega a um ponto de paz com a realidade da perda. A dor se transforma em lembranças positivas e a pessoa aprende a viver com a ausência. Este estágio é caracterizado por um sentimento de serenidade e a capacidade de enfrentar a nova realidade sem resistências. É o momento em que a pessoa pode finalmente ajustar-se e encontrar um novo equilíbrio.

Em resumo, o luto antecipado é um processo emocional que ocorre antes da perda real, permitindo que pacientes e familiares comecem a se preparar para a ausência iminente. Esse tipo de luto facilita a aceitação gradual da situação e a reorganização emocional, ajudando a lidar com a dor de forma antecipada. Quando a perda efetiva ocorre, o luto normal é vivenciado, com ênfase na dor imediata e na adaptação à nova realidade sem a pessoa amada. Embora distintos, esses processos estão interligados, já que o luto antecipado pode suavizar o impacto do luto normal ao permitir uma preparação emocional antecipada. Ambos os tipos de luto envolvem a aceitação da perda e a reorganização emocional, promovendo um enfrentamento mais equilibrado da ausência (Monteiro, 2017).

3 METODOLOGIA

A metodologia é uma parte fundamental de qualquer pesquisa científica, pois define os métodos e processos utilizados para coletar, analisar e interpretar dados. Ela auxilia o pesquisador a escolher as estratégias adequadas para atingir os objetivos, fornecendo a base para garantir que os resultados sejam confiáveis e válidos. Além disso, a metodologia permite

a sistematização do conhecimento por meio da organização lógica e coerente das etapas da investigação (Gil, 2008).

Esta pesquisa se classifica no método científico dedutivo, pois parte de proposições gerais extraídas da literatura para alcançar conclusões específicas sobre o papel do psicólogo em cuidados paliativos. De acordo com Lakatos e Marconi (2003), o método dedutivo baseia-se na utilização de premissas universais para deduzir conclusões mais particulares. A partir de livros, artigos e outras fontes acadêmicas, o estudo identifica elementos específicos sobre a atuação psicológica nesse contexto.

O nível de pesquisa é descritivo, já que pretende relatar e descrever as práticas psicológicas encontradas na literatura, sem estabelecer relações de causa e efeito. Segundo Gil (2008), a pesquisa descritiva visa apenas observar, registrar e descrever os fenômenos sem manipulá-los. Nesse caso, foram registradas as informações disponíveis sobre o trabalho do psicólogo em cuidados paliativos, conforme descritas nas fontes estudadas.

O delineamento da pesquisa é bibliográfico, com foco na análise de fontes teóricas como artigos científicos. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica é definida como aquela que se baseia na análise de materiais já publicados, visando conhecer e discutir diferentes abordagens de um determinado tema (Cervo *et al.*, 2007). Assim, a pesquisa revisa as práticas e intervenções psicológicas descritas na literatura sobre cuidados paliativos.

O instrumento de coleta de dados utilizado para esta pesquisa foi através de artigos acadêmicos. De acordo com Gil (2008), a pesquisa documental é uma técnica que permite ao pesquisador explorar fontes já publicadas, organizando e sintetizando informações relevantes para o estudo. Esse tipo de coleta de dados é adequado para revisões bibliográficas, pois possibilita a identificação de teorias, métodos e práticas discutidas na literatura, contribuindo para uma análise detalhada dos temas abordados.

Os critérios de inclusão adotados para a seleção dos materiais foram: publicações dos últimos cinco anos (2020 a 2025), em língua portuguesa, disponível em acesso aberto e que abordassem diretamente a atuação do psicólogo no contexto dos cuidados paliativos. A busca foi realizada por meio da plataforma Google Acadêmico, utilizando os descritores: “psicologia”, “cuidados paliativos”, “luto” e “pacientes terminais”. Como critérios de exclusão, foram desconsiderados artigos indisponíveis na íntegra, ou duplicados.

A técnica de análise e interpretação dos dados adotada foi a análise qualitativa, com base no método de análise de conteúdo. Segundo Bardin (2011), essa técnica permite identificar e interpretar temas recorrentes nas informações coletadas. Assim, o estudo se propôs a

examinar os dados sobre o suporte psicológico em cuidados paliativos, destacando os padrões mais relevantes identificados na literatura.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A etapa de apresentação e análise dos dados deste trabalho tem como objetivo compreender, a partir das produções acadêmicas mais recentes, como o papel do psicólogo é abordado no contexto dos cuidados paliativos. Para isso, foram selecionados doze artigos científicos, publicados entre 2021 e 2025, que discutem, sob diferentes perspectivas, a atuação desse profissional frente à terminalidade, ao sofrimento psíquico, à comunicação e ao processo de luto. A seleção foi feita por meio do Google Acadêmico, considerando como critérios de inclusão textos disponíveis na íntegra, publicados nos últimos cinco anos e que tratassem diretamente da atuação da psicologia em cuidados paliativos. Utilizou-se como descritores os termos: “psicologia”, “cuidados paliativos”, “luto” e “pacientes terminais”.

Abaixo, apresenta-se Quadro 1, com a caracterização de cada artigo, seguida por uma análise qualitativa que destaca os principais achados e pontos de convergência e divergência entre os estudos.

Quadro 1 - Resultados encontrados nos artigos selecionados no Google Acadêmico

Autor e Ano	Título	Resultados
Bastos José, L. C. (2021)	Contribuições do Psicólogo na Comunicação com Pacientes em Cuidados Paliativos	Evidencia que a comunicação eficaz é essencial no cuidado paliativo, com o psicólogo desempenhando papel crucial ao facilitar diálogos sensíveis, promover compreensão e apoiar pacientes e familiares na tomada de decisões.
Bigliardi, L.; Milani, I.C.B. (2022)	O papel do psicólogo nos cuidados paliativos no Brasil	Evidencia a necessidade de formação específica, valorização da escuta empática e atuação em equipe multidisciplinar.
Branco, A.; Silva, J.(2025)	Atuação da Psicologia Hospitalar nos cuidados Paliativos Oncológicos	Os cuidados paliativos são realizados de forma restrita, fragmentada e tardia. A psicologia atua com acolhimento, mediação de conflitos, promoção da autonomia e dignidade, fortalecimento de recursos de enfrentamento, identificação de significados atribuídos ao câncer e à morte, e facilitação da elaboração do luto.
Carvalho, N.;Vargas, T. (2022)	Reflexões acerca da psicologia nos cuidados paliativos	Reforça o papel do psicólogo na ressignificação da morte, apoio ao luto antecipatório e atenção às dimensões subjetivas do paciente.

Edington. <i>et al</i> (2021)	A Psicóloga no Contexto de Cuidados Paliativos: Principais desafios	Foram identificadas quatro categorias de desafios: comunicação e atuação com a equipe multiprofissional; atendimento a pacientes e familiares; condições de trabalho; e falta de reconhecimento profissional. A comunicação com a equipe multiprofissional foi o desafio mais destacado.
Hoffmann. <i>et al</i> . (2021)	Sentidos de Vida e Morte: Reflexões de Pacientes em Cuidados Paliativos	Identificaram-se três categorias à vida e à morte por pacientes de significado: recursos de em cuidados paliativos, enfrentamento relativos à utilizando entrevistas finitude; sofrimentos relativos à semiestruturadas e análise do finitude; sentidos atribuídos à discurso.
		Vida e à morte. O maior sofrimento não é a finitude em si, mas o que decorre dela, como perda funcional, preocupação com a família e ameaça de valores.
Lopes, N.D.; Muner,L.C. (2020)	Atuação do psicólogo na equipe multidisciplinar de cuidados paliativos com pacientes oncológicos	Ressalta a colaboração interdisciplinar e o suporte emocional oferecido aos pacientes e familiares no enfrentamento do câncer.
Moreira,A.G. <i>et al</i> . (2024)	Cuidados Paliativos, o Luto e o Profissional de Psicologia: Breves Reflexões sobre os Conceitos	Ressalta a necessidade de profissionais que cuidem da saúde mental, abordando as fases do luto segundo Elizabeth Kübler-Ross e enfatizando o papel do psicólogo no manejo emocional de pacientes e familiares, promovendo dignidade e autonomia
Nunes, L. K.;Diniz, D. (2023)	O Papel da Psicologia no Cuidado Paliativo: Reflexões Acerca do Luto	A psicologia é fundamental na tríade de cuidado - paciente, equipe e família - abordando questões relacionadas à terminalidade. A religiosidade e espiritualidade são destacadas como recursos de enfrentamento ao luto.
Ramos,D.R.M (2024)	Psicologia hospitalar em cuidados paliativos: atuação e promoção de qualidade de vida e bem-estar emocional em pacientes em final de vida	Destaca a importância do psicólogo na escuta ativa, acolhimento emocional e apoio à autonomia do paciente diante da finitude.
Sassani, L. M.; Sanches, D. (2022)	Contribuições do Profissional de Psicologia para o Paciente em Cuidados Paliativos	Destaca-se a importância do psicólogo na abordagem das dimensões físicas, psíquicas, sociais e espirituais do paciente, promovendo qualidade de vida e alívio do sofrimento.
Wolff, C. <i>et al</i> . (2021)	O Trabalho Multiprofissional nos Cuidados Paliativos: Um Diálogo entre a Medicina Funcional Integrativa e a Atenção Psicológica	Identificar a importância da prática dos cuidados paliativos nos tratamentos de pacientes terminais, visando compreender e satisfazer todas as necessidades das esferas psicoemocional, orgânica, social e espiritual.

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Para o tratamento dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo temática, conforme, permitindo a identificação de categorias emergentes a partir da leitura e interpretação dos artigos. A análise foi organizada em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos. A seguir, são apresentados os principais achados, agrupados nas categorias que mais se repetiram entre os estudos.

4.1 ESCUTA, EMPATIA E ACOLHIMENTO

A análise dos dados evidenciou que, embora cada artigo apresenta aspectos distintos da atuação do psicólogo, todos convergem na valorização da escuta qualificada, da empatia e da humanização do cuidado. A maioria dos autores destaca a importância de intervenções que respeitem a subjetividade do paciente e promovam o alívio do sofrimento emocional. Elementos como o acolhimento, a escuta ativa e a resignificação da morte aparecem como centrais nesse contexto.

Estudos como os de Sassani e Sanches (2022) e Moreira *et al.* (2024) reforçam que o cuidado emocional é um dos pilares da prática psicológica diante da terminalidade. Já Ramos (2024) destaca que a escuta ativa e o acolhimento emocional favorecem o bem-estar e a autonomia do paciente, contribuindo para uma experiência de final de vida mais digna.

4.2 COMUNICAÇÃO E MEDIAÇÃO COM A EQUIPE

Outro eixo recorrente nos artigos diz respeito à mediação da comunicação, especialmente em momentos delicados, como o anúncio da terminalidade ou decisões sobre tratamento. O psicólogo atua como ponte entre equipe, paciente e familiares, garantindo que as informações sejam transmitidas com clareza e sensibilidade.

Bastos José (2021) discute a importância de o psicólogo estar preparado para lidar com silêncios, emoções intensas e reações diversas diante de notícias difíceis. Essa comunicação eficaz não é apenas técnica, mas também um gesto de cuidado que fortalece os vínculos e humaniza o processo de morrer.

4.3 LUTO ANTECIPATÓRIO E SUPORTE À FAMÍLIA

Diversos estudos também abordam o suporte psicológico oferecido à família do paciente. O sofrimento emocional de quem acompanha um ente querido em fase terminal pode gerar sentimentos de culpa, medo e negação. O psicólogo auxilia essas pessoas a compreender a situação e a elaborar o luto antecipado, criando espaço para despedidas mais honestas e saudáveis.

Nunes e Diniz (2023) destacam que a espiritualidade e a religiosidade podem ser recursos importantes nesse processo. A pesquisa de Moreira *et al.* (2024) também aponta que o acompanhamento da família contribui para um luto posterior menos traumático e mais consciente.

4.4 SENTIDO DA VIDA, ESPIRITUALIDADE E REFLEXÕES EXISTENCIAIS

A dimensão existencial aparece como ponto central na atuação psicológica em cuidados paliativos. Estudos como o de Hoffmann *et al.* (2021) revelam que o maior sofrimento dos pacientes nem sempre está na finitude em si, mas nas perdas simbólicas, como a funcionalidade e o papel social. Por isso, o psicólogo precisa estar preparado para lidar com questões como o medo da morte, arrependimentos e a busca por sentido.

Carvalho e Vargas (2022) reforçam que o profissional da psicologia deve escutar essas angústias com ética e sem julgamento, possibilitando que o paciente encontre conforto em nomear seus sentimentos e ressignificar sua trajetória.

4.5 PROMOÇÃO DA AUTONOMIA E DIGNIDADE

Mesmo diante da limitação física, o paciente terminal pode manter escolhas sobre seu processo de morrer. O psicólogo tem papel essencial na promoção da autonomia, como decidir quem pode visitar, ou expressar desejos sobre seus últimos momentos. Essa valorização da vontade do paciente preserva sua dignidade e individualidade.

Segundo Branco e Silva (2025), promover a autonomia é uma das formas mais humanas de cuidado, e isso evidencia que a atuação psicológica vai além do emocional, atingindo também aspectos éticos e de respeito à liberdade pessoal.

4.6 ATUAÇÃO MULTIPROFISSIONAL E DESAFIOS INSTITUCIONAIS

A atuação do psicólogo também se dá em conjunto com outros profissionais de saúde. Os estudos de Edington *et al.* (2021), Lopes e Muner (2020) e Wolff *et al.* (2021) mostram que o trabalho multiprofissional é fundamental nos cuidados paliativos. O psicólogo contribui tanto para o cuidado direto ao paciente quanto para o suporte emocional à própria equipe, que também sofre diante da morte constante.

Além disso, o estudo de Bigliardi e Milani (2022) destaca os desafios específicos do contexto brasileiro, como a ausência de políticas públicas estruturadas, a formação precária e a pouca valorização institucional do psicólogo nesse campo. Essas limitações impactam diretamente a qualidade do atendimento e a efetivação de um cuidado realmente integral.

4.7 SÍNTESE DOS RESULTADOS

Com base nos artigos analisados, foi possível identificar que a atuação do psicólogo em cuidados paliativos envolve múltiplas frentes: escuta empática, acolhimento emocional, suporte à família, mediação da comunicação, atenção às questões existenciais, promoção da autonomia e atuação interdisciplinar. Os autores convergem na defesa de um cuidado humanizado e integral, onde o psicólogo desempenha papel essencial.

Ao final, conclui-se que o psicólogo é um agente fundamental para a promoção da dignidade, do alívio do sofrimento e da qualidade de vida nos momentos finais da existência. Sua atuação, que integra técnica, ética e sensibilidade, responde diretamente à questão central desta pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre o papel do psicólogo diante da terminalidade humana é, antes de tudo, reconhecer a importância de um cuidado que vai além do corpo físico, alcançando o sofrimento emocional, espiritual e existencial de quem se encontra diante da morte. Ao longo desta pesquisa, foi possível perceber como a atuação psicológica, dentro da abordagem dos cuidados paliativos, constitui uma resposta ética e afetiva diante da tendência à despersonalização e ao abandono que ainda permeiam o processo de morrer em muitos contextos. O psicólogo oferece presença, escuta e sentido em um momento onde muitas vezes imperam o silêncio e a solidão.

Nesse cenário, o profissional de Psicologia se torna uma figura fundamental, proporcionando espaço para que o paciente resgate sua história, suas escolhas e sua dignidade

até o fim. Ao mesmo tempo, atua como suporte essencial aos familiares, que vivenciam não apenas a dor da perda iminente, mas também o desafio emocional do luto antecipado. A possibilidade de elaborar afetivamente essa despedida, com apoio e acolhimento, revela-se um fator protetivo para o sofrimento psíquico e para a qualidade das últimas experiências em vida.

Ficou evidente que a prática do psicólogo em cuidados paliativos não se restringe ao manejo de sintomas emocionais, mas envolve escuta contínua, respeito à singularidade, compreensão das crenças e valores do paciente, além da mediação de relações familiares, frequentemente atravessadas por conflitos, medos e pendências afetivas. Trata-se de uma atuação delicada, que contribui de forma decisiva para um processo de morte mais humanizado, respeitoso e com sentido.

Ainda que a produção científica sobre o tema seja significativa, observou-se uma repetição de perspectivas e abordagens nos textos analisados, o que pode indicar a necessidade de investigações mais diversificadas e aprofundadas. Estudos que tragam experiências práticas, relatos de atuação profissional ou abordagens interdisciplinares podem enriquecer ainda mais o campo, contribuindo para que o cuidado paliativo não apenas se consolide como uma prática essencial, mas também como um campo vivo de transformação e escuta ativa.

Pesquisas futuras podem explorar de maneira mais ampla como o psicólogo lida com os próprios impactos emocionais gerados pela convivência constante com a finitude, assim como investigar os desafios enfrentados no diálogo com instituições de saúde e com famílias em contextos culturais diversos. Também é necessário refletir sobre como a formação acadêmica da Psicologia pode incluir, de forma mais estruturada, conteúdos que preparem o futuro profissional para lidar com a morte, o morrer e o cuidado.

Em uma sociedade que ainda evita falar sobre a morte, a atuação do psicólogo nos cuidados paliativos se mostra um gesto de profundo compromisso com a vida que ainda pulsa mesmo nos momentos finais. Ao estar presente quando muitos se afastam, ao escutar quando tudo parece calar, o psicólogo ajuda a tornar esse último tempo não apenas suportável, mas, por vezes, pleno de significados, vínculos e amor.

REFERÊNCIAS

ARANTES, A. C.Q. **A Morte é um Dia que Vale a Pena Viver**. São Paulo: Sextante, 2016.

ACADEMIA NACIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS- **ACNP**. O que são cuidados paliativos, 2025. Disponível em <<https://paliativo.org.br/o-que-sao-cuidados-paliativos/>>.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual de cuidados paliativos**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conte/publicacoes/gui-e-m/202/manual-de-cu-paliativos-2-edicao>. Acesso em 14 Set.2024

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições,2011.

BASTOS JOSÉ, L. C. Contribuições do psicólogo na comunicação com pacientes em cuidados paliativos. **Revista da FAE**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 73–92, 2021. Disponível em: <https://revistafae.fae.emnuvens.com.br/revistafae/article/view/676>. Acesso em: 7 maio 2025.

BATISTA, Jaqueline Barreto et al. A importância do psicólogo hospitalar frente aos cuidados paliativos. **Revista Saúde em Foco**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 76–90, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5707/570772901008/html/>. Acesso em: 28 maio 2025

BIGLIARDI, L.; MILANI, I. C. B. O papel do psicólogo nos cuidados paliativos no Brasil. In: CUIDADOS PALIATIVOS: práticas, teorias e análises – volume 2. **Editora Científica Digital**, 2022. p. 37–48. Disponível em: <https://www.editoracientifica.com.br/artigos/o-papel-do-psicologo-nos-cuidados-paliativos-no-brasil>. Acesso em: 10 maio 2025.

BRANCO, A.; SILVA, J. Atuação da psicologia hospitalar nos cuidados paliativos oncológicos. **Mudanças: Psicologia da Saúde**, v. 32, n. 1, p. 86–96, 2025. DOI: 10.15603/2176-1019/mud.v32n1p86-96. Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/mudancas/article/view/1572>. Acesso em: 2 maio 2025.

CAMON, V. A. A. Pacientes terminais: um breve esboço. 1994. In: CAMON, V. A. A. (Org.); TRUCHARTE, F. A. R.; KNIJNIK, R. B.; SEBASTIANI, R. W. **Psicologia hospitalar: teoria e prática**. São Paulo: Pioneira, 1994. Disponível em: [https://pt.scribd.com/document/357240804/PACIENTES-TERMINAIS-UM-BREVE-ESBOCO -O-pdf](https://pt.scribd.com/document/357240804/PACIENTES-TERMINAIS-UM-BREVE-ESBOCO-O-pdf). Acesso em: 16 set. 2024.

CARVALHO, N.; VARGAS, T. Reflexões acerca da psicologia nos cuidados paliativos. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 8, n. 10, p. 451–467, 2022. DOI: 10.51891/rease.v8i10.7034. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/7034>. Acesso em: 26 maio 2025.

CARVALHO, R. T. de; PARSON, H. A., *et al.* **Manual de cuidados paliativos**. 2. ed. São Paulo: Academia Nacional de Cuidados Paliativos, 2012.

CERVO, A. L., *et al.*, **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

DOMINGUES, G. R. *et al.* A atuação do psicólogo no tratamento de pacientes terminais e seus familiares. **Psicologia Hospitalar**, v. 11, n. 1, p. 2–24, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092013000100002. Acesso em: 14 set. 2024.

EDINGTON, R. N. et al. A psicóloga no contexto de cuidados paliativos: principais desafios. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 10, n. 3, p. 398–406, 4 out. 2021. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/3835>. Acesso em: 2 maio 2025.

FERRAZ, M. H. A atuação do psicólogo hospitalar em oncologia pediátrica. **Revista SBPH**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 31-48, jun. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092013000100002. Acesso em: 14 set. 2024.

FERREIRA, A. P. de Q. *et al.* O papel do psicólogo na equipe de cuidados paliativos junto ao paciente com câncer. **Revista SBPH**, v. 14, n. 2, p. 86-98, 2011. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v14n2/v14n2a07.pdf>. Acesso em: 22 set. 2024.

FLACH, K., *et al.* O luto antecipatório na unidade de terapia intensiva pediátrica: relato de experiência. **Revista da SBPH**, v. 15, n. 1, p. 83–100, 1 jun. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582012000100006. Acesso em: 14 set. 2024.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social** (6ª ed.). São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.com/wp-content/uploads/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pes-quisa-social.pdf>. Acesso em: 17 set. 2024.

HOFFMANN, L. B. *et al.* Sentidos de vida e morte: reflexões de pacientes em cuidados paliativos. **Psicologia USP**, v. 32, n. 32, 18 jun. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psup/a/tQ8sz8VyWbGJyKWMBLrmv9R/?lang=pt>. Acesso em: 28 mar. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER. - INCA. **Cuidados Paliativos: Série Cuidados Paliativos** - volume 1. 2020. Disponível em: https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files/media/document/completo_serie_cuidados_paliativos_volume_1.pdf. Acesso em: 14 set. 2024.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. Trad. MENEZES, Paulo. São Paulo: Martins Fontes. 2005.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica** (5ª ed.). São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: [https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/v](https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view)iew. Acesem 17 set. 2024.

LIMA, A. M. *et al.* História e conceitos dos cuidados paliativos. In: VARGAS, D.; FERRAZ, L. (Orgs.). **História da enfermagem**. Rio de Janeiro: ABEn, 2022. Cap. 4, p. 120-133. Disponível em <https://publicacoes.abennacional.org.br/wp-content/uploads/2022/07/e9-historia-cap4.pdf>. Acesso em :8 set. 2024.

LOPES, N. D.; MUNER, L. C. Atuação do psicólogo na equipe multidisciplinar de cuidados paliativos com pacientes oncológicos. **Revista Cathedral**, v. 2, n. 4, p. 132–142, 2 dez. 2020. Disponível em: <http://cathedral.ojs.galoa.com.br/index.php/cathedral/article/view/248>. Acesso em: 3 maio 2025.

MATSUMOTO, D.Y. Cuidados paliativos: conceitos, fundamentos e princípios. In: CARVALHO, Ricardo Tavares de; PARSONS, Henrique Afonseca (Orgs.). **Manual de cuidados paliativos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP), 2012. p. 23-30.

MENDES, J. Al. *et al.* Paciente terminal, família e equipe de saúde. **Revista Brasileira de Psicologia Hospitalar**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 23-29, jun. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582009000100011. Acesso em: 7 out. 2024.

MONTEIRO, M. C. *et al.* A morte em cena na UTI: a família diante da terminalidade. **Trends in Psychology**, v. 25, n. 3, p. 1285-1299, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.9788/TP2017.3-17Pt>. Acesso em: 16 set. 2024.

MOREIRA, A. G. *et al.* Cuidados paliativos, o luto e o profissional de psicologia: breves reflexões sobre os conceitos. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 11, p. 7207–7219, 28 nov. 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/17131>. Acesso em: 8 maio 2025.

NUNES, L.V. Cuidados paliativos: conceitos, fundamentos e princípios. In: CARVALHO, Ricardo Tavares de; PARSONS, Henrique Afonseca (Orgs.). **Manual de cuidados paliativos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP), 2012. p. 337.

NUNES, L.; DINIZ, D. O papel da psicologia no cuidado paliativo: reflexões acerca do luto. **Psicologia e Saúde em Debate**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 337–353, 2023. DOI: 10.22289/2446-922X.V9N1A23. Disponível em: <http://www.psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/964>. Acesso em: 2 maio 2025.

OLIVEIRA, É. A. de.; SANTOS, M. A. dos.; MASTROPIETRO, A.P. Apoio psicológico na terminalidade: ensinamentos para a vida. **Psicologia em Estudo**, v. 15, n. 2, p. 235-244, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/jBbdHnWKHtPVjqSnRrKtK4k#7>. Acesso em: 12 set. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Cuidados paliativos. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/palliative-care>. Acesso em: 1 set. 2024.

PEGORARO, M. M. de .O.; PAGANINI, M.C. Cuidados paliativos e limitação de suporte de vida em terapia intensiva. **Revista Bioética [online]**, v. 27, n. 4, p. 699-710, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-80422019274353>. Acesso em: 14 set. 2024.

PULGA, G. *et al.* O trabalho da equipe multidisciplinar na melhoria da qualidade de vida de pacientes em estágio terminal com foco nos cuidados paliativos. **Unoesc & Ciência-ACBS**, v. 10, n. 2, p. 163-168, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/acbs/article/view/21295>. Acesso em 15 set. 2024.

RAMOS, D. R. M. Psicologia hospitalar em cuidados paliativos: atuação e promoção de qualidade de vida e bem-estar emocional em pacientes em final de vida. **Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública**, 2024. Disponível em: <https://repositorio.bahiana.edu.br/jspui/handle/bahiana/8881>. Acesso em: 2 maio 2025.

RIBEIRO, J. P.; DAMASCENO, M. C. T. Luto antecipatório e cuidados paliativos. **Cadernos de Graduação – Ciências Humanas e Sociais – UNIT**, v. 5, n. 2, p. 59-69, 2017. Disponível

em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/7655/3843>. Acesso em: 1 set. 2024.

ROSSATO, G.; GARCIA, E. A. O luto antecipado no contexto dos cuidados paliativos: reflexões teóricas e intervenções psicológicas. **Psicologia em Revista [online]**, v. 20, n. 1, p. 123-132, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/jBbdHnWKHtPVjqSnRrKtK4k/?lang=pt>. Acesso em: 1 set. 2024.

SASSANI, L. M.; SANCHES, D. Contribuições do profissional de psicologia para o paciente em cuidados paliativos. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 26, n. 3, 7 out. 2022. Disponível em: <https://unipar.openjournalsolutions.com.br/index.php/saude/article/view/8824>. Acesso em: 2 maio 2025.

SILVA, E. L.; MEDEIROS, L. S. A atuação do psicólogo nos cuidados paliativos: um estudo sobre a percepção dos profissionais de saúde. **Psico**, v. 44, n. 4, p. 515–524, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/18018/11297>. Acesso em: 15 set. 2024.

SILVA, *et al.* Cuidados paliativos: uma abordagem interdisciplinar para a melhoria da qualidade de vida. **Ciência e Saúde Coletiva [online]**, v. 26, n. 3, p. 875-884, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/tqWXjVYtSTqDbm7BXGhc7cn/?lang=pt>. Acesso em: 1 set. 2024.

SILVA, M. J. P. da.; ARAÚJO, M. M. T. de. Comunicação em cuidados paliativos. In: **Manual de Cuidados Paliativos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP), 2012. p. 75.

UGIONI, S. da. S. **Os fazeres do psicólogo nos cuidados paliativos**. 2020. 50 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Psicologia) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2020. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/7939/1/Stefani%20da%20Silveira%20Ugioni.pdf>. Acesso em: 11 set. 2024.

WOLFF, C. *et al.* O trabalho multiprofissional nos cuidados paliativos: um diálogo entre a medicina funcional integrativa e a atenção psicológica. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 39, p. e9459, 27 dez. 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/cientifico/article/view/9459>. Acesso em: 6 mar. 2025.